

● **CARTA À COMUNIDADE DA**

**«Paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua», Setembro de 1974.**

**A Todos quantos pertencem realmente à Comunidade,  
Porque tratam a Comunidade como sua  
E a Comunidade os reconhece como seus.  
Irmãos queridos e amados do Pai  
E de Jesus Cristo, Cabeça da Igreja,  
Gente habituada e Possuída pelo Espírito de Deus:**

Escrevemo-vos esta carta para que estejais em comunhão connosco. «Nossa Comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. Escrevemo-vos para que a nossa alegria seja completa».

Muitas cartas foram escritas no passado, cartas abertas dirigidas abertamente a toda a gente. Esta não é uma carta aberta, pois não é dirigida a toda a gente, nem para ser distribuída porta-a-porta, pois só pode ser compreendida por gente que vive à Luz da Igreja e não à sombra da Igreja. É dirigida a vós, Irmãos, a quem o Senhor dirigiu a Palavra Libertadora e comunicou o seu Espírito Transformador. É dirigida a vós que sois felizes por ter «acreditado nas coisas que vos foram ditas da parte do Senhor». Recebestes a Palavra e a levastes a sério, não fazendo dela «um luxo para os neutrais».

É nisto que nós vos reconhecemos, pois para nós uma Paróquia já não é um território, uma circunscrição eclesiástica, onde se mete toda a gente no mesmo saco, e o facto de alguém se considerar «oficialmente» cristão e católico não lhe dá automaticamente o SER cristão...

Quanto a nós, Equipa Pastoral, o que é que nos recomenda? Vós nos conheceis e reconheceis como Ministros da Verdade e da Justiça, cuja «missão» e «vocação» não vem dos homens, nem por via autoritária, nem por via representativa, mas vem de Deus, cujo Espírito Santo distribui os seus dons conforme quer e a quem quer. É o nosso «empenhamento» que nos reconheceis e nos «frutos» do nosso trabalho conheceis o «espírito» que nos anima, pois a nossa «comunhão» é com o Espírito que anima a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, e a nossa «legitimidade» nos vem da identidade de intenções na Fé e na Esperança. Queremos dizer-vos, sem qualquer espécie de reticências, que, **neste momento**, não tendes outro meio de nos reconhecerdes, pois os los visíveis da Caridade andam bastante obnubilados nos tempos que correm, devido ao **processo histórico** que agita e transforma a Igreja do Tempo Presente. A «confusão» e a «suspeita» abalaram as relações entre as Igrejas e as Comunidades

Locais... ao ponto de alguns começarem a sentir-se inseguros nas suas «certezas», e os próprios reconhecimentos canónicos e legais se mostrarem incapazes de assinalar a Comunhão...

Mas a «noite» está quase a passar e o «dia» está prestes a chegar, o Dia em que as «obras» julgarão as «intenções», e a confiança da Caridade será visível entre os membros da Igreja, desde o maior ao menor.

A Equipa Pastoral trabalhou para a Comunidade e tem a consciência de que trabalhou com a Comunidade, pois as suas maiores e mais graves descobertas foram feitas no «clima» da vida comunitária.

As nossas maiores e mais graves opções foram inspiradas à luz e ao calor da Páscoa deste ano. Quem não esqueceu os compromissos assumidos na Páscoa 74 compreenderá perfeitamente as nossas conclusões.

Na continuação dum trabalho já realizado ao longo do ano, a Equipa Pastoral desta Comunidade intensificou o seu ritmo de actividade após o Pentecostes para se debruçar sobre o ano findo e, escutando a «voz» do Espírito, procurar as linhas mestras que devam nortear no próximo ano a nossa vida comunitária. É o fruto deste trabalho que vos vimos propôr, na convicção firme e serena de que nada está nunca definitivamente feito.

É verdadeiramente numa encruzilhada que nos encontramos. As estruturas que criamos no passado, sempre provisórias, serviram determinadas etapas de crescimento. Hoje podem ser um obstáculo a novos níveis de crescimento. Sentimos que algumas dessas estruturas nos asfixiam dentro de «muros» que nos impedem de avançarmos. Este é um dilema eterno na Igreja e fora da Igreja. O tempo acumula muita coisa, e se os homens não se libertam do peso das tradições, o que ontem assinalou uma conquista pode tornar-se hoje uma prisão. Toda a Igreja conhece hoje esta dificuldade, aliás como todo o mundo. É estúpido, embora seja normal, que se lute por estruturas, sobretudo quando são estruturas secundárias...!

Em Igreja nunca se sobrevive, em Igreja vive-se! Não se trata de, quanto a nós, fazermos grandes planos, mas sim de intensificar a Vida. E ao intensificar a Vida... descobrimos que as velhas estruturas rebentam por todas as costuras...!

Tudo passará, passarão as estruturas, mas ficará a Vida, a Vida Intensa! A nossa tarefa é de caminharmos sempre cada vez mais numa linha de autenticidade, tendo bem presente a Palavra de Jesus: «Se o Sal estragar, para que serve?» O nosso caminho é seguir o Evangelho do Magnificat. E é nesta tentativa de fidelidade que nos vemos numa encruzilhada decisiva de opções a tomar para podermos de facto ser

Sal da Terra, «fermento» no meio da «massa», «cidade sobre o monte», para podermos ser de facto Luz do Mundo.

É daqui que deduzimos os principais imperativos da nossa Comunidade para este ano que iniciamos. São imperativos, são exigências de ordem geral cujas formas concretas de realização terão de ser encontradas por todos nós que nos situamos em estado de procura.

## OS GRANDES IMPERATIVOS

**«Eles se mostravam assíduos ao Ensino dos Apóstolos, fiéis à Comunhão Fraternal, à "fracção" do Pão, e às orações...»** Actos, 2, 42-47 (ler na íntegra).

1. A Igreja salva «significando», salvamos pelo que somos e salvámo-nos tornando-nos aquilo que somos. Já não vale (se é que algum dia valeu!) o palavriado. A Igreja é a Comunidade daqueles que se reúnem à volta de Alguém, o Senhor Jesus com **todas** as consequências que daí derivam. «Vede como eles se amam!» É na fidelidade a este espírito que nós precisamos de reencontrar urgentemente **formas progressivas de vida comunitária intensa**, onde cada um se conheça pelo seu nome, pelos seus problemas e pelas possibilidades e dons da sua Fé. É necessário ultrapassar custe o que custar ainda que seja preciso arriscar tudo por tudo a igreja-das-grandes-massas onde cada um corre sempre o perigo de andar a vaguear mais ou menos irresponsavelmente em risco de se perder. É preciso que acabe definitivamente o escândalo de as pessoas se perderem dentro da própria Igreja. A igreja-das-grandes-massas nunca pode ser uma comunidade. O «fermento» é para transformar a «massa». Mas quando o «fermento» se torna «massa», deixa de haver «fermento»...

As tentativas feitas no passado, sinceramente projectadas, através de grupos comissões e muitas outras actividades, iniciativas e serviços não conseguiram satisfatoriamente construir elos de comunhão fraterna. Não se nega o seu contributo. «Cada gota conta». Mas se hoje podemos falar de clima fraternal, ele é verdadeiramente fruto da Palavra sobre a Comunidade, através das assembleias litúrgicas, e dum pequeno número que ultimamente tem caminhado para um empenhamento pleno.

Há valores de comunhão fraternal, de convivência, de ajuda mútua, enfim de comunidade, que derivam da Liturgia, sobretudo na Eucaristia, e que, por falta de «lugares» e de «tempos», não chegam a concretizar-se e a finalizar-se.

Um dos sinais de decadência foi o transformar a «mesa» em «altar». Isto foi voltar atrás! Jesus pela Nova Aliança do seu Sangue, no pão e no vinho da Ceia, transformou o Altar em Mesa. Uma Eucaristia que não leva ao «ágape» (refeição fraterna = festa = banquete do Reino) nega-se a si própria. A nossa Liturgia exige uma **Mesa Comum** que situe o «lugar» e marque os «tempos» dum Comunhão Fraternal que não se limita à mendicidade, ou a fazer «quermesse» ou vida de bar mais ou menos interesseira ou lucrativa, ou a matar o tempo nas horas vagas...

Temos um projecto de Mesa Comum.

Confiadamente vo-lo apresentamos:

Assim como numa família a Mesa é o lugar no qual e à volta do qual a vida familiar e doméstica se processa se aproxime e se alimenta, assim a nossa Mesa Comum não seria somente o lugar onde se celebra a Eucaristia, ou onde se come a horas certas, nem uma sopa-dos-pobres nem um restaurante barato, mas um verdadeiro «fogo» da Comunidade, um «lar» ou uma «lareira», onde habitualmente se reúnem para refeições fraternais os que se deram plenamente ao «ministério», tanto presbíteros como diáconos como leigos, homens e mulheres, e onde os irmãos que estão sós ou não querem estar sós, encontram um lugar, e qualquer irmão ou irmã em qualquer ocasião, a qualquer hora que venha, seja por que motivo for, encontra **hospitalidade**; um lugar onde qualquer irmão em qualquer ocasião tem gosto em estar com os irmãos, e todos e cada um se sentirão em sua casa, a propósito dum almoço ou dum jantar, ou dum café, ou dum simples bebida, dum reunião, ou simplesmente para dois «cavacos» de conversa um lugar onde se dá e onde se recebe pessoas e coisas das pessoas, ou amigos das pessoas, onde desde alimentos e agasalhos, iniciativas ou serviços pequenos ou grandes, tudo se partilha e compartilha, mútua e imediatamente, sem preconceitos, com naturalidade, sem projectos complicados, sem discussões intelectualistas, pretenciosas ou convencidas.

A Mesa Comum não pretende ser um S. A. D., (um serviço de ajuda fraterna), uma ajuda de ricos a pobres, nem mendigar aos ricos para dar aos pobres, nem sequer pretende ser uma organização. Na Mesa Comum põe-se o que se tem, e tudo se dá a todos. Na Mesa Comum não se faz acepção de pessoas, nem de ricos, nem de pobres, nem de homens nem de mulheres, nem de novos nem de velhos, nem de bonitos nem de feios, nem sequer entre bem-comportados e mal-comportados. Da Mesa Comum somente serão excluídos este tipo de pessoas: os murmuradores os mentirosos, os que têm ódio no coração e os que se julgam superiores aos outros. Estes não têm ódio no coração e os que se julgam superiores aos outros. Estes não têm lugar à Mesa Comum. Os únicos preferidos na Mesa Comum serão

os ricos que se fizerem pobres e os pobres que nos descubrem como irmãos.

Como será possível manter esta Mesa Comum? Quem lhe dará o «tom» e lhe possibilitará todos os objectivos? Quem a fará funcionar? Quem a impedirá de cair na «rotina» ou decair do seu espírito? Os que se deram plenamente ao «ministério» formarão o primeiro grupo de serviço da Mesa Comum, presidirão a ela, garantindo a fidelidade ao espírito que lhe dá origem, aguentando todos os encargos materiais, e congregando todas as possibilidades em pessoas e coisas, e estarão constantemente vigilantes para impedir os «desvios» e defender, a todo o custo, a independência e a liberdade de todos quantos pretendem construir a Comunidade na «linha de acção» do Evangelho.

A Mesa Comum é CARIDADE absoluta e sem reservas, com todas as consequências e nenhuma dependência, com toda a Liberdade, sem sujeições de qualquer espécie. Ninguém poderá dizer que comemos à custa deles, porque todos comerão à nossa custa, todos comerão à custa de todos... os que não fazem contas ao que dão!

A nossa dependência económica relativamente aos tradicionais contribuintes acaba definitivamente. A **nossa** independência económica tem que ser uma das nossas maiores conquistas. Será preferível viver a pão e água do que viver dependente de quem constantemente nos critica e nos atira à cara que estamos malbaratando o seu dinheiro. Aqui pobreza será sinónimo de liberdade! Só aceitamos receber dinheiro ou bens de quem aceita caminhar o Caminho que caminhamos. Há quinze anos libertamos as **coisas sagradas** da dependência do dinheiro. Agora libertamo-nos a nós próprios! É a razão principal porque os quadros económicos em que temos vivido estão completamente ultrapassados.

São razões profundas, como é fácil de ver (?), as razões que nos levaram a decidir:

- a) Que o Economato deixe de existir como «Quadro».
- b) Que a economia da Comunidade seja assumida pela Equipa Pastoral, sendo a contabilidade, e toda e qualquer dimensão jurídica em relação ao direito eclesiástico ou civil, representada pelo Pároco e dois membros da E.P. que para o efeito, funcionarão, a nível formal, de «fábrica da igreja», como presidente, secretário e tesoureiro.
- c) Que fique registado na «memória» da Comunidade o trabalho honesto e dedicado dos grupos de economato que funcionaram no esquema antigo.

São também razões muito profundas que nos levam a **sugerir** aos actuais membros do S. A. D.:

- a) que encaminhem toda a sua acção para uma Luta Social.
- b) que façam incidir todos os seus objectivos para a concretização da Justiça Social.
- c) que se tornem um grupo de colaboração local com os serviços oficiais de Assistência Social, em colaboração com todas as forças conscientes locais cívicas e políticas.
- d) que abandonem completamente os «peditórios» porta-a-porta, entregando cada um dos seus casos em ficheiro, um a um, ao Serviço de Assistência à Família. Quer dizer: é preciso que transformem casos-de-caridade em casos-de-justiça.
- e) que os mais empenhados se tornem membros da Comissão Justiça e Paz a renovar.

2. A Liturgia que desde a Páscoa entrou num período extraordinariamente criador e fecundo, vai avançar mais radicalmente até ser **concretamente** a celebração da Vida que nos possui e o eco dos sofrimentos e das esperanças da Terra. Sem trair a «substância» da Liturgia da Igreja (e até da Igreja Latina), vamos, pelo contrário, canalizá-la para a vida, saltando os muros de fórmulas fossilizadas. Não se trata de transgredir, mas de obedecer às intenções essenciais, se quiserem, da Liturgia Oficial.

A consciência mais nítida do lugar da Eucaristia na vida da Comunidade, exige de nós uma maior sobriedade para evitarmos a sua banalização. Não podemos continuar a celebrar missas para tudo e para nada.

#### TENDO EM CONTA:

1.º — A nossa decisão de obedecermos inteiramente à verdade dos sacramentos, abolindo toda a mentira ou desvio.

2.º — Que o seu uso desproporcionado, deslocado ou sem critério, leva ao abuso e banalização.

3.º — Que devemos solenizar devidamente o DOMINGO, dando-lhe o lugar que teve na origem: DIA DO SENHOR, (ressurreição = páscoa); RITMO SEMANAL DA PÁScoa (fracção do Pão = Eucaristia); DIA DA CRIAÇÃO; DIA OITAVO (eternidade no tempo...). O Domingo está para a Semana como a Páscoa para o Ano Litúrgico.

4.º — Que foi a celebração da Eucaristia que fez o DIA DO SENHOR e não o DIA DO SENHOR que fez a Eucaristia.

5.º — Que devemos encontrar o verdadeiro sentido da Eucaristia, libertando-a do uso exclusivo do culto dos mortos, para a tornarmos uma verdadeira celebração de vivos onde Cristo se torna presente:

- pela Palavra
- pela força do «sacramento»
- pela Assembleia celebrante
- pela representatividade pessoal dos seus ministros.
- pelo coração de cada homem
- pelo mundo como apelo constante de salvação: os pobres, os oprimidos e os pecadores...

6.º — Que somos uma Comunidade orante.

7.º — Que a oração comunitária sincera é factor primordial de comunidade. Não somos uma associação cultural ou recreativa, mas um grupo de cristão que reunidos em oração são para o mundo sinal de Unidade, e testemunho de fraternidade.

8.º — Que os cristãos, grupo daqueles que crêem em Cristo, vivem sob o «choque» da Ressurreição, e devem manter um ritmo eucarístico de vida.

9.º — Que a Palavra tem um valor sacramental e devemos reunir-nos frequentemente à sua volta como norma única da nossa Vida.

#### FRANCAMENTE SE PÕE A HIPÓTESE DE:

1.º — Haver celebração da Eucaristia somente ao Domingo.

2.º — Reduzir as missas de Domingo ao mínimo, para fazermos da Missa DOMINICAL um factor de congregação e não de dispersão. A Missa Vespertina ao Domingo deveria ser substituída pela celebração de Vésperas comunitárias, verdadeira oração da Tarde, podendo conter um serviço de comunhão para os que não puderam celebrar a Eucaristia.

3.º — Que os membros da Comunidade passem o quanto e o quando possível a reunir-se diariamente à volta da Palavra e da oração comunitária, pela celebração diária de Vésperas, revigorando assim o seu espírito comunitário pela aproximação da Palavra, pela Oração Comum, e pela referência permanente a Cristo Libertador.

4.º — Que esta Oração Diária seja considerada um prolongamento e uma preparação festiva da Eucaristia ao Domingo.

5.º — Que se torne impossível para sempre o grande escândalo de estarem uns na Capela a celebrar a Esperança e a orar em conjunto, e outros no Bar, indiferentes ao que se passa ao lado...

6.º — Que o conjunto dos «ministros» e de todos os que se deram plenamente ao Reino para o serviço dos irmãos, encontrem na Oração Diária o seu lugar principal de reunião, ajudando-os a sentir-se como principais animadores da Comunidade.

Um Grupo Coral renovado realizará o «ministério» do canto e da música numa Liturgia que nos mete na Festa de Deus. Sem o canto e a música, a Páscoa deste ano não teria sido o que foi. Ou o Grupo Coral se torna um verdadeiro Ministério ou não poderá mais servir a sua verdadeira função, o serviço dos irmãos. Impõe-se um critério para os membros do Grupo Coral: 1.º Capacidade e gosto de cantar; 2.º Disponibilidade para ensaios e encontros de formação litúrgica; 3.º Sensibilidade cristã para desempenhar uma função de serviço aos outros pelo canto. Neste capítulo muito nos alegra a decisão dos actuais membros do G. C. em evoluir e em prepararem-se para as novas exigências.

3. A economia será uma economia responsável. A Liturgia será o único lugar de PARTILHA. Numa Comunidade responsável é assim: informam-se as necessidades e as possibilidades aparecem! Doutra forma, nem as necessidades são verdadeiras, nem as possibilidades interessam. A responsabilidade que interessa é uma responsabilidade confiante. Quem não for capaz de partilhar os seus bens, não pode ser Discípulo do Senhor, e por isso não tem lugar na Comunidade. Os bens a partilhar não são somente os bens supérfluos — estes por Justiça, pertencem aos pobres — mas trata-se de partilhar TUDO, até a Cultura e os Tempos livres, a experiência e os dons de cada um. Não interessa partilhar de qualquer maneira. Tem que ser por uma opção de pobreza evangélica, tendo Jesus Cristo por «centro». Quem não for capaz disto não tem lugar na Comunidade, terá de ficar à porta, à espera da sua conversão.

4. Todos têm de ter bem presente que a Vida é simples e fluente, que a Vida não se pode encerrar em quadros, estruturas ou comissões, e que seremos tanto mais Comunidade quanto mais Jesus Cristo estiver presente em cada um de nós. Sem Cristo tudo se desmorona, e transformar-nos-emos num grupo que nem como grupo de amigos poderá subsistir.

Pensamos que temos que pôr ponto final aos quadros separados numa perspectiva de simplificação e autenticidade. Os quadros ficarão reduzidos ao essencial e transformados em «ministérios» encarnados em pessoas dotadas de vocação e dons. Temos que ultrapassar também todo e qualquer dualismo prático ou teórico, pois não é possível que continue a pensar-se e a dizer-se que o espiritual pertence a uns e o material compete a outros. Tudo pertence a todos!

5. O nosso equipamento precisa ser melhorado. A tão falada igreja-nova, ponto de discórdia durante tanto tempo, deixa definitivamente de ser problema. A chamada igreja, lugar da Liturgia, não é mais que uma peça do equipamento geral. É assim que será tratada. Abandonamos o projecto antigo por demasiado caro em si próprio, o que se tornou mais claro depois das sondagens do terreno, e por ser absolutamente (sem ilusões) inacessível às nossas capacidades económicas. Adoptamos um novo projecto: uma construção simples, pobre mas bela, funcional, minimamente cómoda. Neste projecto, a realizar imediatamente, gastaremos o dinheiro que temos. O que faltarmos nós que o daremos, pois nunca mais pediremos dinheiro a ninguém!

6. Mas a nossa **MAIS GRAVE OPÇÃO**, a que vai condicionar todas as outras, a ponta-de-lança de toda a nossa transformação é a **EVANGELIZAÇÃO**. O **primado** da Evangelização na vida e na acção da Comunidade é uma **OPÇÃO FUNDAMENTAL**. Será a **razão profunda** de tudo o mais, fonte de inevitáveis conflitos. O Evangelho que nos uniu até agora poderá ser aquilo que nos desunirá no futuro!... Ou tornamo-nos uma Comunidade Evangelizadora ou deixaremos de existir como comunidade. Os mais conscientes da nossa Comunidade não estão dispostos a ser uma comunidade-que-dá-sacramentos a quem os não quer ou a quem os quer e ninguém sabe para quê. Como é possível levar a sério o Baptismo para nós e levá-lo a brincar para os outros? Como é possível continuar a celebrar missas-pelos-mortos, e ter Fé na Eucaristia? Como é possível fazer do Matrimónio um sinal de Graça, e continuar a abençoar casamentos sem graça? Esta divisão profunda na nossa consciência pode **matar-nos**, e nós não estamos dispostos a morrer desta maneira. Basta assistirmos cada dia à morte de padre e leigos que se deixaram matar por uma situação desgraçada...!

5 Fecharemos definitivamente os SACRAMENTOS e só os daremos aos membros da Comunidade, e àqueles que, pela conversão e pela Fé, entrem a fazer parte da Comunidade. Quem nos vier pedir sacramentos, e não aceitar os compromissos essenciais da Vida em Cristo, ficará à porta até se converter e..., pela Fé, for capaz de actos de Fé.

A porta da Comunidade a queremos cada vez mais acolhedora, mas séria e exigente. Abriremos os braços a todos os que na sinceridade procuram Jesus Cristo. A multiplicação de formas de acolhimento, pela informação, pelo diálogo, pela progressiva iniciação nos «mistérios» da Fé, procurará, na medida do possível, aparar todos os «choques», ansiedades, e as aspirações confusas.

Mas nós não esperaremos pelas pessoas. Os níveis de encontro com a multidão que nos procura para pedir sacramentos, são sempre confusos e equívocas. Estas plataformas de encontro não nos agradam de maneira nenhuma, pois as pessoas chegam até nós sem nada ou quase nada. Nós não esperaremos pelas pessoas. A nossa vocação é o Mundo. Espalhar-nos-emos pela Terra como «sementes».

É na Terra que reencontraremos a fecundidade. Não haverá mundos fechados para nós, pois aquilo que Jesus abriu ninguém o poderá fechar. O «anúncio» do Evangelho será a nossa obsessão diária: «Ai de mim se eu não evangelizar»!

O que nos une é a mesma Fé no «deus» de N. S. Jesus Cristo, o Pai que habita em nós pela Força do seu Espírito; o que nos une é a Palavra, centro da Vida e da Fé. Reunidos, unidos, e alimentados pela Eucaristia, sentimo-nos EMPENHADOS até aos cabelos, **comunitariamente empenhados na missão.** (Mt., 28, A ss.).

Seremos uma Comunidade Evangelizadora! Como? Como vamos fazer chegar aos outros homens, não convertidos, a Palavra de Deus em ordem a pô-los em contacto com o Evangelho do Senhor? Com que **sinais** vamos tornar presente no Mundo o «senhorio» de Deus? A **única coisa** com que contamos é a FORÇA do Espírito. É o Pentecostes que nos projecta em Evangelização, é o Pentecostes que nos realiza. Como deixar que o Espírito nos alcance para sermos SINAL? Como seremos Comunidade Evangelizadora? Como vamos evangelizar?

Será, primeiramente, pelo TESTEMUNHO, quer individual («donde lhe vem este Poder?»), quer comunitário («pelos frutos...» «vede como eles se amam!»). Tocaremos o Mundo por aquilo que **dizemos** se isso for a expressão daquilo que **fazemos**. Acabou o tempo da «faladura»!

7. Uma Evangelização que não provoque a LIBERTAÇÃO da Terra é uma farsa, pois não arranca os homens à servidão da Injustiça e à sujeição aos «ídolos». Teremos, antes de mais, de sermos uns apaixonados pela libertação da Terra, apaixonados pelo Homem,

e, primeiramente, pelo Homem-que-sofre. Comunidade consagrada à Verdade, consagrada à Justiça, verdadeiros construtores da Paz, mesmo que para tal tenhamos de sofrer os ataques da perseguição a todos os níveis (ainda que seja a nível clerical). Igreja convertida ao Mundo, na **linha** de Deus, que «amou o Mundo de tal forma que lhe deu o seu Filho Unigénito. Temos que ser homens com uma Fé verdadeiramente **politizada**, quer dizer, **metida** em tudo o que diz respeito ao Homem. A evangelização só será possível com gente que possua uma Fé de arrasar «montanhas»!

8. Como encontrar formas de «empenhamento» eficaz nesta luta pela IGUALDADE RADICAL entre os homens? Há um Grupo de Trabalhadores que iniciou uma caminhada. Outros poderão surgir? E uma Comissão Justiça e Paz, renovada, com olhos bem abertos sobre o Mundo, não desprezando nenhuma forma de análise, nem sequer a análise marxista naquilo que tiver de justo e verdadeiro?... Não será este o novo nome duma nova realidade para a qual os objectivos do Serviço de Ajuda Fraterna deverão caminhar?

Quanto aos jovens, urge que eles encontrem formas radicais de se comprometerem, comprometerem a sua vida em Liberdade, para que o homem não seja mais vítima do homem. Jovens estudantes, jovens trabalhadores, não podem mais andar à procura de ocupações, como crianças que procurassem brinquedos, na idade da despreocupação... Os jovens têm que se ocupar, em pé de igualdade com os adultos, nas grandes tarefas da construção da Terra Nova. Nunca mais brincaremos aos jovens». A comunidade não aceita mais ser para eles como um «patronato». A Comunidade será para eles uma «escola» de Acção e de Inspiração para os levar a arriscar tudo por tudo. Um jovem que encontrou Jesus Cristo na Comunidade tem que se «desmamar»... ainda que isto choque os papás e as mamás...! O grupo que veio de Taizé do Concílio dos Jovens parece ter percebido aonde isto leva!

Cada membro da Comunidade no futuro é que tem de responder às grande e comprometedoras perguntas com que o Espírito de Cristo interiormente o interpela. Acabou o tempo de andarmos a dizer a cada um o que cada um tem que fazer. Cada um é chamado a descobrir **por si**, e a pôr **em comum** a sua descoberta. Uns inspiraremos os outros, mas um não substituirá o outro.

9. E pelos sacramentos não vamos evangelizar? Se isso quer dizer **evangelização permanente** na Comunidade, então sim. Mas, em rigor de termos, não! Certamente que é urgente congregar os «dispersos», é urgente aquecer os «mornos»... É verdade que os «sacramentos» podem **curar**, mas a Igreja não é nenhuma farmácia com

remédio para tudo... Quem não entrar em **penitência** não tem qualquer solução...

Nós queremos reencontrar a autenticidade original do Projecto do Senhor bem patente no Plano («mistério») da Salvação: Queremos respeitar o ritmo do crescimento na Fé: Anúncio do Evangelho — Conversão — Catecumenato — Baptismo (ou reactivação do Baptismo) — Confirmação — Eucaristia.

10. O ACOLHIMENTO em todas as suas formas será marcado por:

- carácter: somos sérios e exigimos seriedade, pois não aceitaremos jogar ao esconde-esconde...
- paciência: nenhuma dificuldade nos espantará, nem nos fará desistir.
- respeito por todas as pessoas.
- uma informação completa e cuidada.
- disponibilidade, embora em tempo organizado.
- na Paz, o que não quer dizer «verbo de encher» ou «manga larga».
- negamo-nos a «improvisar» ou a fazer as coisas «a la minuta».

11. Todo aquele que se converteu não entrará por portas falsas, mas o CATECUMENATO será a APRENDIZAGEM NORMAL da Vida Nova. Os que não precisam de Catecumenato (pois ninguém volta ao princípio), serão reconciliados por uma Penitência que não será mais um passa-culpas, mas um reencontro com a Alegria da Libertação. O Anúncio do Evangelho compete a todos os membros da Comunidade, tal como a pré-catequese que leva à conversão em concreto. O CATECUMENATO é para gente já convertida. Ninguém entra no Catecumenato «à experiência». Só admitiremos aos Sacramentos quem der garantias inequívocas de **vivência da Fé em comunidade**. Quanto aos membros das Comunidades irmãs, quando nos vierem pedir algo, os receberemos em «comunhão universal», desde que nos «circuitos» de comunicação inter-comunidades seja metida toda a verdade e toda a justiça em autenticidade e responsabilidade. Mas não aceitaremos as «fugas» e os «turismos» de quem anda perdido e não se quer encontrar.

12. Os que exercem «ministérios» na Comunidade formarão dentro dela própria uma **fraternidade** unida e aberta ao mesmo tempo. No serviço, na oração, e em formas mais ou menos intensas de vida comum, sem discriminação de qualquer espécie, nem de idade, nem de sexo, nem de estado, nem de cultura, serão a grande forma de

consagração dentro da Comunidade. A Mesa Comum os reunirá mais ou menos vezes, mais ou menos a todos. Eles darão o **tom** à Oração Diária e à Mesa Comum. Sentir-se-ão permanentemente reunidos, sobretudo na oração e no trabalho.

13. Mas a Comunidade tem que se situar bem na ZONA em que está implantada. O Padrão da Légua já não nos basta. O nosso coração começa a abrir-se aos grandes e vastos espaços vivos. É para o concelho todo que os nossos olhos se viram, esta grande zona de Matosinhos, metida numa zona maior ainda que é o Porto e os arredores. A ZONA será o grande espaço do reencontro e da reconciliação das paróquias. A convergência de seis paróquias, para já, abrem-nos a porta para uma Evangelização ao ar livre e para uma pastoral de conjunto. As recentes nomeações para Santa Cruz do Bispo e para o Araújo nos vieram dar muita esperança. A reunião semanal dos padres destas seis paróquias e as reuniões mistas padres-leigos são apenas um tímido começo do que vai ser o GRANDE TRABALHO.

Uma **nova realidade** está a surgir. Ninguém a impedirá de nascer. Os «muros» que separam o Povo de Deus vão tombar todos!

Irmãos:

Além destas opções tomadas em comum pela Equipa Pastoral, cada um de nós, no seu empenhamento pessoal sente de forma diversa os apelos do Espírito que o arrasta. Neste aspecto será na vida de cada um, na concretização pessoal da vocação, que cada um se pronunciará. Exercendo «ministérios» na Comunidade, estamos, pela força das circunstâncias, em evidência. Mas não vos esqueçais que somos de «carne» como vós. Temos os nossos ritmos pessoais de crescimento. Cada um, como vós, tem as suas crises, as suas hesitações. Assim como a melhor maneira de vos ajudardes uns aos outros, é, primeiramente, por uma atitude de respeito e de atenção silenciosa, expressão de amor fraterno, assim a melhor maneira de nos ajudardes a cada um de nós, é, para além da correcção fraterna em coisas graves ou importantes, respeitardes o crescer e o evoluir de cada um.

É preciso abolir definitivamente a murmuração como meio de criticar os outros. O DIÁLOGO FRATERNAL é o **único meio** de nos corrigirmos uns aos outros e de nos ajudarmos mutuamente. Mas cuidado com os falsos diálogos que não são mais que formas de nos metermos na vida dos outros e de os amargurarmos em coisas que a Liberdade não permite!

Esta CARTA pretende ser um CONVITE para a ASSEMBLEIA DA COMUNIDADE a realizar no próximo dia 27 de Setembro (sexta-feira) pelas 21 h no Salão.

Para poderdes participar frutuosa e nestas Assembleias, além da leitura e estudo atento desta Carta, é necessário terdes em conta a Agenda que se segue:

## AGENDA DA ASSEMBLEIA

### 1. ORAÇÃO DE VÉSPERAS.

### 2. COMUNICAÇÕES:

- pontos essenciais da Carta à Comunidade.
- apresentação do novo projecto da igreja.
- apresentação de contas do Economato.
- comunicações livres.

### 3. FORMAÇÃO DE GRUPOS PARA REFLEXÃO DOS PONTOS ESSENCIAIS DA CARTA.

Estes grupos informais ou outros deverão fazer incidir o seu trabalho, a continuar para além da Assembleia, nas grandes opções, modos concretos de as efectivar, e suas consequências práticas.

As comunicações destes grupos deverão chegar à Comunidade por todas as formas possíveis.

Entretanto sugere-se:

- assembleias dominicais, sob forma de comunicação breve, incisiva e clara.
- conversa com algum dos presbíteros.
- entrega por escrito a qualquer membro da E.P.

As comunicações devem ser feitas até ao princípio do Advento, pois o tempo até ao Advento será muitíssimo importante para, no silêncio, na oração e na reflexão, nos tornarmos capazes de decididamente iniciarmos o que nos propusemos.

Esta Assembleia apenas abre a GRANDE REFLEXÃO.

Por isso não terá encerramento.

Aguardando a presença de todos os que estão interessados em construir a Comunidade, somos inteiramente vossos para o Serviço do Evangelho:

A EQUIPA PASTORAL»